

JORNAL da ANE

Associação Nacional de Escritores
ANO XIII, nº 94, abril/maio 2019

Este projeto é realizado com recursos do
Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal

FAC
FUNDO DE APOIO À
CULTURA

Secretaria de
Cultura



GOVERNO DE
BRASÍLIA

O SONHO TRÁGICO DE ABRAHAM LINCOLN

Danilo Gomes

O ruído despertou Calpúrnia de um sonho ruim. Segundo uma versão, ela sonhou que amparava César assassinado em seus braços, enquanto o pranteava.” (Barry Strauss, *A Morte de César*, pág. 124.)

Poucos dias antes de sua morte, o Presidente dos Estados Unidos foi deitar-se muito tarde, envolvido com os graves problemas do pós-Guerra da Secessão, que acabou com a escravidão dos negros no país. Ele sonhou que ouviu soluços abafados e choro. Teve a sensação de sair da cama e se encaminhar para o térreo. Andou pelos salões, mas não viu ninguém. No entanto, os soluços e o choro continuavam. Os objetos lhe eram todos familiares. Sim, ali era a Casa Branca. Tudo estava iluminado. Finalmente deparou-se com uma cena surpreendente e terrível, roçando o pesadelo.

Ele conta: “À minha frente, estava armado um catafalco, sobre o qual se estendia um cadáver, em

vestimentas fúnebres. A seu redor havia soldados, postados como guardas em atitude marcial. Uma multidão olhava, consternada, para o cadáver, cujo rosto estava coberto. Muitos choravam, desconsolados. A Sr^a Lincoln encontrava-se muito pálida, quase sem respirar. Perguntei a um dos soldados: Quem está morto na Casa Branca? Ao que me respondeu: O Presidente. Foi morto por um assassino. E houve nesse instante um clamor de desespero da multidão, que me acordou. Não consegui mais dormir naquela noite. Embora fosse apenas um sonho, tenho-me sentido estranhamente angustiado desde então.”

Era, obviamente, uma premonição, como a de Calpúrnia Pisonis (33 anos), a mulher de Júlio César, nos Idos de Março de 44 a. C., em Roma. Ela sonhou que o marido seria assassinado e, em vão, o alertou.

Continuação na página 8

O BENZEDOR DE CHUVA

(CONTO SERTANEJO)

Hilda Mendonça

O vento norte veio anunciando tempestade. Folhas secas rodopiavam no ar. Mal conseguíamos visualizar a estrada, tal fúria dos redemoinhos que se formavam a todo momento. O cheiro de pó das grandes estia-gens era sufocante. Paramos o carro amedrontadas. Descemos e eu decidi que ficar ali, já escurecendo, com aquele vento, e a tempestade que se avizinhava, não seria nada seguro. Resolvemos ir em busca de algum abrigo. Pisávamos o chão seco com medo e aflição, vento e poeira de encontro aos nossos rostos, fomos caminhando por um atalho até que avistamos uma pequena luz à frente, talvez de algum lampião a querosene. Nossa esperança era de que ali estaríamos seguras.

Foi quando Carolina deu de si e gritou:

Continuação na página 7

RESGATANDO VICTOR NUNES LEAL

Manoel Hygino

Abrimos um hiato nos comentários sobre Brumadinho. Apenas um hiato. É o seguinte: Fundada em Juiz de Fora, a Academia Mineira de Letras somará anos de vida, em 25 de dezembro de 2019, quando chegará, no dia de Natal, aos 110. Seus idealizadores eram uma dúzia, bem representativos dos intelectuais que pontificavam àquela época no Estado. Os doze quiseram que mais dezoito a eles se agregassem e, em 1915, a entidade transferiu sua sede para a capital. Aqui, se elevou o número de cadeiras para 40, adquiriu-se a primeira e modesta sede própria e, finalmente, abriu-se caminho para a atual sede na rua da Bahia, no palacete Borges da Costa, no mandato de Vivaldi Moreira, depois consagrado presidente perpétuo do sodalício.

Pois Pedro Rogério Moreira, filho de Vivaldi, encaminha ao também confrade na AML Rogério Faria Tavares um lembrete com publicação sobre Victor Nunes Leal (1914-1985), nascido na Mata Mineira, agora lembrado pelo cientista político Jairo Nicolau. Com muita razão. Em 2018, completaram 70 anos do lançamento de um dos mais importantes livros de análise política brasileira – “*Coronelismo, enxada e voto*”, de Victor, ocupante da cadeira nº 23 da Academia. O volume foi editado pela Forense, com cumprimento da exigência do autor de que o prefácio fosse de Barbosa Lima Sobrinho.

Mas a relembração não se resume ao que ficou dito sobre Victor Nunes Leal, nascido em Alvorada, distrito de Carangola, cidade natal do admirado poeta Anderson Braga Horta. Não esqueço que, exatamente em 16 de janeiro de 2019, se registraram os 50 anos da cassação do mandato do ilustre mineiro, nos termos da AI-5, como ministro do STF. Também perderam os cargos na corte

os colegas Evandro Lins e Silva e Hermes Lima. Com a decisão, o conterrâneo da Academia Mineira de Letras também perdeu o cargo de professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mais perdeu, porém, o Brasil e o Supremo Tribunal Federal, pois se retirou do mais alto colegiado o poder de conceder *habeas corpus* em casos de crimes políticos.

O livro de Victor Nunes Leal é do final dos anos 40, século passado, mas não é velharia, ultrapassado. Assim, sobre o pleito de 1947, ele diz: “quem observa a multiplicidade de alianças que se fizeram nas últimas eleições estaduais e municipais não pode deixar de verificar que os nossos partidos são pouco mais do que legendas ou rótulos destinados a atender às exigências técnico-jurídicas do processo eleitoral”.

Pouco lembrado, hoje, por múltiplas razões, Victor Nunes Leal prestou relevantes serviços ao país em todos os cargos que ocupou e funções que exerceu. Além dos mencionados, foi consultor-geral da República, chefe da Casa Civil da Presidência, procurador-geral da Justiça do Distrito Federal (quando Rio de Janeiro), membro do TSE e seu vice-presidente.

Ao construir Brasília, Juscelino batizou de Alvorada o palácio residencial da Presidência da República, como prova de apreço ao amigo e seu lugar de nascimento.

Nesta hora de dor para o Brasil, pelo terrível desastre em Brumadinho, faço uma pausa, com a devida vênica da gente daquele município e cidade. Como atual ocupante da cadeira nº 23 da AML, de que foi patrono Joaquim Felício, fico muito honrado em ali estar e em ser tão gloriosamente precedido por Martins de Oliveira, Victor Nunes Leal e Raul Machado Horta, aos quais rendo homenagem de respeito e admiração.

O DITADOR

Jolimar Corrêa Pinto

Juan Morales y Castro y Peron y Vargas y Somoza y Diaz y Guzman era um ditador sanguinário, corrupto, incompetente que se mantinha no poder apoiado por forças armadas herdadas de seu antecessor, o qual conquistara o poder mediante golpe de estado e eleições contaminadas por pregação ideológica, base do regime que criara e mantivera, ajudado por inegável carisma. Juan Morales era a caricatura do seu antecessor. A economia do país era mantida pela extração e exportação do petróleo e do gás; e o governo era o sócio invisível do tráfico de drogas ilegais. Destituído do carisma de seu ídolo – que era efusivamente elogiado, festejado e copiado – paulatinamente reforçava o poderio das forças que o mantinham, em detrimento do povo que se empobrecia por falta de emprego e contraditoriamente vítima de uma inflação na casa de milhões de percentuais. O desespero levava parte do povo às ruas e milhões de pessoas se refugiavam em países vizinhos.

Crescentes manifestações de países de todo o mundo em favor de sua renúncia para o início de um processo de redemocratização com a convocação de eleições livres provocavam atitudes cada vez mais violentas contra seus adversários. O descalabro político, econômico e social era razão de manifestações da ONU e da OEA, reconhecendo que o país se tornara ingovernável sob o fracassado comando de Juan Morales – que agia como um chefe militar, não como um estadista.

O comandante do exército foi recebido pelo ditador portando um relatório com análise sobre os aspectos econômico, social e de segurança nacional. Juan Morales estremeceu quando leu o relato sobre o ânimo das unidades militares: a inquietação era crescente até mesmo entre os membros da segurança pessoal do governo: temiam uma intervenção internacional, vez que reconheciam que a situação era calamitosa e cada vez mais revoltada e ativista a população. Temiam a possibilidade de enfrentar saqueadores desesperados diante da miséria, da fome, das doenças, da falta de remédios.

– Presidente, disse o general, os nossos soldados têm famílias ameaçadas, havendo casos de assaltos a residências por saber da existência de

farta quantidade de alimentos; isso alquebra a resistência moral e física, inclusive pelo enfrentamento nas ruas, constantes e crescentes.

— Você acha que o regime está em perigo por conta de meia dúzia de covardes que não reconhecem o meu prestígio e poder diante do povo?

O general percebeu que não encontraria receptividade por parte de Juan Morales com o objetivo de aprofundar no exame das questões colocadas no relatório. Baixou a cabeça para não encarar o chefe, colocou o relatório sobre a mesa e pediu licença para se retirar.

— General, acho que deve impor uma disciplina mais rigorosa aos quartéis; é preciso identificar lideranças deletérias e eliminá-las, elas solapam a coesão necessária ao cumprimento do dever de nos defender, custe o que custar. Quanto às questões econômicas e sociais afirmo que estão sob controle e brevemente as coisas vão prosseguir com melhoras em todos os campos. Pode se retirar.

Quando se viu só o ditador bateu o punho fechado sobre o peito repetindo: “Vou dar um jeito nesses indisciplinados, ou não sou Juan Morales”. Levantou-se e encontrou-se com o retrato do antecessor e ídolo. O olhar da foto parecia querer dizer alguma coisa; deveria ser de apoio à sua administração que acreditava estar seguindo os antigos conselhos do líder.

— E então, comandante, estamos ou não no rumo certo? Quais seriam as suas atitudes diante dessa situação tão difícil, dessa maldita inflação, desses murmúrios entre a soldadesca que era tão disciplinada no seu tempo? Acho que estamos no rumo certo, mas a sua ausência nos faz muita falta, considerando a facilidade com que conduzia o seu povo e as forças armadas. Deu alguns passos, voltou-se para o retrato: “Eu sei que estou certo, mas esse povo ignorante não consegue compreender, com seu imediatismo, os grandes objetivos da revolução libertadora do jugo capitalista”.

Deixou o gabinete e dirigiu-se aos aposentos íntimos onde se despiu, atirou ao chão as cobertas, deparou-se com o corpo nu e penetrou violentamente a sua mulher adormecida. E caiu no sono sem sentir nenhuma culpa ou remorso, seja pelos atos de estado – tão manifestamente desastrosos – seja pelas desconsiderações que praticava na intimidade conjugal.

Soneto do Mês

OLHANDO O RIO

Belmiro Braga



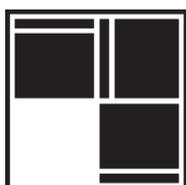
Nas noites claras de luar, costume
Ir das águas ouvir o vão lamento;
E, após ouvi-las, cauteloso e atento
Que o rio também sofre, eis que presumo.

Nesse que leva tortuoso rumo,
Que fado triste e por demais cruento:
Vai deslizando agora doce e lento
E agora desce encachoeirado e a prumo.

O dorso aqui lhe encrespa leve brisa,
Ali o deslizar calhau lhe veda;
Além, de novo, sem fragor, desliza...

És como o rio, coração tristonho:
Se ele vive a chorar de queda em queda,
Vives tu a gemer de sonho em sonho...

(Seleção de Napoleão Valadares)



Associação Nacional de Escritores

www.anenet.com.br

SEPS EQS 707/907 Bloco F – Edifício Escritor Almeida Fischer
CEP 70390-078 – Brasília – DF
Telefones: (61) 3443-8207 / 3242-3642
E-mail: ane.df@terra.com.br

28ª DIRETORIA
2017-2019

Presidente: Fabio de Sousa Coutinho
1º Vice-Presidente: José Carlos Brandi Aleixo
2º Vice-Presidente: Edmilson Caminha
Secretário-Geral: Roberto Nogueira Ferreira
1º Secretário: Jolimar Corrêa Pinto
2º Secretário: Joel de Medeiros

1º Tesoureiro: Salomão Sousa
2º Tesoureiro: Ariovaldo Pereira de Souza
Diretora de Biblioteca: Sônia Helena
Diretora de Cursos: Kátia Luzia Lima Ferreira
Diretor de Divulgação: Paulo José Cunha
Diretor de Edições: Afonso Ligório
Conselho Administrativo e Fiscal: Adirson Vasconcelos, Alan Viggiano, Anderson Braga Horta, Danilo Gomes, José Jeronimo Rivera, José Peixoto Júnior e Napoleão Valadares.

JORNAL da ANE nº 94 – abril/maio 2019

Editor

Afonso Ligório Pires de Carvalho
(Reg. FENAJ nº 286)

Revisão

Napoleão Valadares

Conselho Editorial

Adirson Vasconcelos, Anderson Braga Horta,
Danilo Gomes, Edmilson Caminha e
Fabio de Sousa Coutinho

Programação Visual

Cláudia Gomes

Composição e impressão: Centro Editorial e Multimídia de Brasília.
SIG. Qd. 8 – Lote 2356 – CEP: 70610-480 / Brasília – DF – (61) 3344-3738
www.thesaurus.com.br

Toda colaboração não solicitada será submetida ao Conselho Editorial.

O COROINHA, O POETA E O PISTOLEIRO

Marcelo Torres

Ele tinha sido coroinha, passou um tempo em seminário e quase virou padre. Mas agora era um escritor, tinha mais de dez livros publicados e ganhava a vida como jornalista. Por aqueles dias, seu ofício era escrever perfis e matérias especiais, trabalhava para uma famosa revista. Certa vez, ao chegar na redação, o chefe pediu para ele escolher uma entre duas possibilidades de entrevista para a edição seguinte do semanário.

Uma das opções era o poeta Carlos Drummond de Andrade, que na outra semana, quando o perfil e a entrevista fossem publicados, completaria 75 anos de idade. A outra possibilidade era Tenório Cavalcanti, o famoso *Homem da Capa Preta*, uma figura pública que, após anos e anos ocupando o noticiário político e policial do país, agora vivia esquecido no ostracismo na cidade de Duque de Caxias, na Baixada Fluminense.

O poeta era um dos poucos, pouquíssimos homens, a quem ele precisava, um dia, pagar certa dívida de gratidão, por lhe ter feito um grande favor pessoal, dias após o golpe de 1964. Naquela época, por causa de suas opiniões, ele, que já era jornalista, chegou a ser processado várias vezes pela ditadura militar, tendo sido preso em seis ocasiões.

Na tramitação judicial de um desses processos, movido por um general que depois viraria Presidente da República, ele estava precisando de três testemunhas de defesa, três pessoas que abonassem a sua conduta moral. “Outro qualquer teria milhões de voluntários que se prestariam a isso”, disse ele. “Mas foi difícil arranjar três pessoas que mentissem a meu favor”.

Naqueles dias de botas, naqueles anos de chumbo, não era qualquer pessoa que se arriscaria a, prestando depoimento a favor de um perseguido, contrariar as vontades de um general. “O presidente da Associação Brasileira de Imprensa, por exemplo, tirou o corpo fora; alegou que seria condecorado com a medalha de bons serviços e aquele era um péssimo serviço ao regime militar”.

Drummond, porém, aceitou o pedido, foi lá, enfrentou o risco e tudo. Os dois, o poeta e o jornalista, haviam sido colegas em redações, sem contar que eram também vizinhos de rua, ali na altura do Posto Seis, em Copacabana, um na Conselheiro Lafayete, o outro na Raul Pompeia, ambos bafejados pela mesma brisa atlântica — às vezes, aos domingos, encontravam-se casualmente numa pizzaria da esquina entre as ruas e trocavam algumas poucas palavras.

O jornalista, porém, sabia que Drummond prezava muito o recato e a solidão, não queria ser incomodado, se pudesse nunca seria entrevistado — e de fato, na vida, ele concedeu raríssimas entrevistas. Além do mais, o poeta não precisava disso, já dispunha de sua coluna semanal na imprensa, onde podia escrever o que quisesse sem precisar de mediação.

Qualquer pessoa que tivesse de optar entre um poeta, que é gente da arte, e um pistoleiro, que é agente da morte, certamente escolheria o primeiro — ainda mais em se tratando,

como de fato se tratava, do mais querido dos poetas do país. O jornalista, porém, para o riso de todos e incredulidade geral na redação, disse: “Eu fico com o Tenório”. E no outro dia desceu para Duque de Caxias e bateu à porta da fortaleza onde morava *O Homem da Capa Preta*.

Fazia quarenta graus, segundo ele, “mas à sombra”. E o homem que foi recebê-lo à porta não parecia, nem de longe nem de perto, o Tenório Cavalcanti que todo mundo conhecia de foto e televisão. Estava sem o chapéu, sem a capa preta e sem a famosa Lurdinha — nome que ele colocara na sua metralhadora, “porque falava como uma costureira”.

Trazia ele, o anfitrião, os cabelos a bater nos ombros e a barba quase no umbigo. “Tinha a aparência de um nazareno em disponibilidade”, escreveria o jornalista no perfil do entrevistado. “O povo simples chegava até a confundir-lo com o Jesus Cristo que os pintores da renascença criaram e que até hoje prevalece”.

Natalício Tenório Cavalcanti de Albuquerque chegou com 19 anos de idade a Duque de Caxias, quando a cidade ainda era um lugarejo sem asfalto, só terra batida, habitado por uma centena de retirantes nordestinos. Ele mesmo havia nascido no povoado de Quebrangulo, município de Palmeira dos Índios, sertão das Alagoas.

Aliás, foi nesse mesmo povoado, catorze anos antes, onde nasceu o escritor Graciliano Ramos. Ele que, no final de 1927, com apoio da família Cavalcanti, foi eleito para o cargo de prefeito de Palmeira dos Índios, “naquele velho sistema de atas falsas e de defuntos votando” — exerceu o mandato entre 1928 e 1930.

— E o Graciliano Ramos? — quis saber o jornalista, já nos princípios da entrevista.

— Vixe, Maria! — o pistoleiro se benzeu. — Não gostava dele, não.

— Por quê?

— Ele era comunista e todo comunista é um anticristo, é o demônio. A nossa bandeira jamais será vermelha.

O Homem da Capa Preta estava solto, na entrevista, falava de tudo. No início, por exemplo, discorreu sobre “a primeira explosão do átomo”, o acontecimento que, segundo ele, teria motivado o surgimento de todo o universo — o mundo, a vida humana e ele próprio, Tenório Cavalcanti.

E se ali estava sem o chapéu, sem a capa preta e sem a Lurdinha, não abria mão de outra metralhadora, mas esta só disparava frases: “Se Deus fosse brasileiro, aceitaria suborno”; “Qualquer um pode ir do amor ao ódio em três segundos”; “O grito da dor alheia é sempre um exagero”; “Carçaça de alma urubu não come”; “Homem que é homem honra as calças que borra”.

Este seu último aforismo (ou desaforismo) era alusivo, entre outros fatos, a um episódio ocorrido na Câmara dos Deputados, envolvendo o afamado pistoleiro e um outro parlamentar, baiano, metido a valente, um tal de Antônio Carlos Magalhães. Tenório discursava denunciando suposta corrup-

ção de Clemente Mariani, presidente do Banco do Brasil e amigo de ACM.

— Vossa Excelência pode dizer o que quiser — ACM apontou-lhe o dedo. — Mas Vossa Excelência é um ladrão.

— Vai morrer agora, seu patife! — Tenório Cavalcanti puxou a arma e a apontou para o desafeto.

A maioria, atônita, correu para fora. Uma outra parte, bem menor, ficou para tentar evitar uma tragédia. ACM, em pé, teve uma incontinência urinária, suas calças ficaram visivelmente molhadas. Os outros deputados rogavam, clamavam ao *Homem da Capa Preta* que não atirasse. Este, após alguns segundos, baixou a arma e falou:

— Só não te mato porque Vossa Excelência não é homem. Eu não vou atirar em quem ainda mijá nas calças.

Na entrevista, Tenório “tinha o olhar esperto do coronel sertanejo que acredita na própria lenda”, e começou a mostrar peças do seu museu pessoal: o fuzil com o qual teria matado Lampião, o punhal que teria sido de Corisco, a cruz com a qual Padim Ciço fazia chover no Ceará e, por fim, as três peças que o marcaram para sempre — o chapéu, a Lurdinha e a capa preta.

Não satisfeito com a exibição dos acessórios, fez o visitante colocar o chapéu, vestir a capa preta e esconder a Lurdinha por dentro. “Foi uma glória, uma das poucas glórias que até hoje obtive ao longo dos meus dias sobre a terra”, disse o jornalista. Mas ainda havia mais: Tenório tirou o pano de um piano de teclas amareladas e começou a tocar. “Era uma mistura de Vivaldi e Gonzagão em ritmo de candomblé”, registrou.

Em outro momento, o cangaceiro abriu a camisa e mostrou um buraco na barriga por onde teriam entrado 37 balas, que ainda estavam alojadas em seu corpo. “Uma delas tem o curioso hábito de circular pelas pernas”, disse o velho matador. “Nos meses pares, fica na perna direita; nos meses ímpares, se desloca para a perna esquerda. Mas isso é mais um problema da ciência do que meu”, concluiu.

Foram quase duas horas de conversa e, no final, o anfitrião ainda declamou versos de Augusto dos Anjos e de Catulo da Paixão Cearense. O jornalista escreveu: “Posso ter feito péssimas escolhas pela vida afora, mas acredito que obrei certo ao optar por Tenório, em vez de Drummond”. E concluiu: “Tenho certeza de que o poeta, se estivesse em meu lugar, teria feito a mesma escolha”.

Esse jornalista, que atuou nos principais jornais e revistas do país, esse escritor, autor de mais de 30 livros, entre contos, crônicas, romances e ensaios, ganhador do Prêmio Jabuti três vezes e uma vez do Prêmio Machado de Assis, pelo conjunto da obra, essa pessoa que até os cinco anos de idade não falava e que até os doze não conseguia sequer frequentar a escola, porque em toda parte sofria preconceito, esse carioca da gema foi um imortal da Academia Brasileira de Letras e atendia pelo glorioso nome de *Carlos Heitor Cony* [1926-2008], autor dos romances *O ventre*, *Quase memória* e *O piano e a orquestra*, entre muitos outros.

INDIGENISMO HUMANITÁRIO

Diego Mendes Sousa

Como sou Rondoniano, herdeiro da coragem e do humanismo do Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, e este também, detentor do pensamento “*Morrer se preciso for, matar nunca*”, inspira-me relações profundas pela causa indígena, defendo o Indigenismo Humanitário, conceito adjetivo inventado por este escriba humanista.

Na recepção da sede da Fundação Nacional do Índio (Funai), na cidade de Cruzeiro do Sul, no Estado do Acre, onde hoje atuo como Indigenista Especializado, deparei-me com um grupo de brasileiros e estrangeiros, dentre eles, franceses e alemães, que buscavam autorização para ingressarem em terra indígena e, com isso, aprenderem e conviverem com os prazeres exóticos dos nativos do Vale do Juruá, floresta amazônica.

Neste ínterim, eu coletava – entristecido – alimentos perecíveis no almoxarifado do Órgão e preparava, sozinho, cestas básicas para distribuição aos indígenas em vulnerabilidade social, quando um rapaz loiro, alto, olhos claros e com perfil dos ‘States’, mas falando fluente o Português, indagou-me sobre o que estava a fazer com tantos alimentos.

Respondi em tom seco e de revolta: “Iremos doar aos indígenas Kulina e Ashaninka que vivem sofridos, na extrema miséria, no município de Feijó, às margens do Rio Envira.”

Detalhe, os Kulina são chamados de Madija (madirrá), que significa ‘os que são gente’. E imperdoável, ironicamente, eles viverem humilhados e massacrados.

O Norte-Americano ficou mudo.

Creio que tenha sido o choque brutal das minhas palavras reais. Ele carregava uma larga mochila, própria para expedição e, pelo que percebi, já havia participado de rituais indígenas pelos rincões do Acre.

O susto dele era esperado, afinal, o que é vendido aos visitantes é o colorido dos imensos e belos cocares ao ritmo dos barulhos silenciosos da natureza, bem como os grandes “festivais” patrocinados pelo turismo ecológico, a troco de poucos e muitas vezes a interesses outros, que são minados por política financeira ao cofre do não índio.

Sei, desde cedo, da sabedoria popular, que contra fatos não há argumentos. E a caridade, como em São Francisco, deve pautar os nossos atos como seres humanos: quem dá aos pobres, empresta a Deus!



PALESTRA-RECITAL DE LUIZ CÉSAR COSTA HOMENAGEIA FERNANDO PESSOA

Na Quinta Literária de 28 de março, os associados e amigos da ANE testemunharam mais uma palestra-recital de Luiz César Costa, professor e homem de letras que se destaca, em nosso ambiente cultural, pelo extenso conhecimento da obra de grandes nomes da poesia de língua portuguesa.

Em sua nova apresentação no Auditório Cyro dos Anjos, Luiz César declamou e interpretou, em noite memorável para nossa casa de escritores, poemas dos três mais conhecidos heterônimos de Fernando Pessoa: Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos.

Na foto, o artista convidado aparece ao lado de Beatriz, sua esposa, e do Presidente da ANE, Fabio de Sousa Coutinho.

O MEU ADEUS A JACINTO GUERRA

Vera Lúcia de Oliveira

Recebo a notícia da morte de Jacinto Guerra e fico muito sentida! Jacinto era um homem bom. Bom marido, bom pai, bom amigo. Conheci-o em 1991, na Secretaria de Cultura do DF, onde trabalhamos por algum tempo. Ficamos amigos imediatamente, pois gosto das pessoas mansas de coração, e ele era uma delas. Muito gentil, um verdadeiro *gentleman*, com um sorriso no rosto simpático, estava sempre pronto para ajudar os outros. Pude testemunhar a sua dedicação ao trabalho – que ele tanto amava –, pois era um homem culto e da cultura. Professor de literatura, leitor e escritor, com vários livros publicados. Foi no seu *O gato de Curitiba* que vi o meu nome impresso pela primeira vez nas páginas de um livro: ele fez questão de registrar o dia em que o meu amigo Edmilson Caminha e eu fomos encontrá-lo com a “turma” da ANE – como ele chamava os colegas e amigos da, hoje também minha, Associação Nacional de Escritores. Estavam reunidos numa grande mesa no restaurante Macambira, na Asa Sul, e lembro-me perfeitamente bem da alegria dele ao nos apresentar a todos, entre os quais Branca Bakaj, que nos tratou com muita simpatia. Ele se orgulhava muito da ANE. E a ANE pode orgulhar-se muito dele também, pois foi um escritor participante da vida cultural de Brasília e de sua cidade natal, Bom Despacho, em Minas Gerais, sua paixão; era mineiro como o torresmo e o queijo canastra. Imagino a falta que vão sentir dele lá. Assim como todos nós aqui em Brasília.

Jacinto, que passou pela dor avassaladora de perder uma filha jovem, viveu para a esposa Nilce, sua companheira também nas artes, e para os outros quatro filhos. Viveu uma vida bonita. Bonita como a flor de vida efêmera que leva o seu nome, Jacinto. Assim, com doçura, deixa apenas saudade em todos os que eram seus amigos, como eu. Deixo, assim, estas palavras, pequena homenagem, para expressar a minha gratidão por sua amizade. De coração.

ADQUIRA NOSSOS LIVROS



ERROS DAS POLÍTICAS DE SEGURANÇA PÚBLICA

Dr. Marcio Junqueira Lisboa
248 páginas



A REDESCOBERTA DO BRASIL

O Barco do Rei
Afonso Ligório
280 páginas



A REVOLUÇÃO DOS PREFEITOS

O Brasil não precisa de estados
Raul Ferraz
176 páginas

ACESSE NOSSO SITE:

WWW.THESAURUS.COM.BR

Frete grátis para todo o Brasil

Ou ligue: (61) 3344-3738

DAS CINZAS RENASCERÃO FLORES

Eduardo Fontes

(Para o poeta Anderson Braga Horta)

IV

Vale do Rio Doce,
Vale do Rio Amargo,
Vale da Desgraça,
Vale da Morte Anunciada!

A morte anunciada
de novo se repete
no Vale do Brumadinho,
na Vale da Embromação!

Já não lhe bastou matar
o inocente Rio Doce,
de tantos poetas e trovadores?

Toneladas de lama
saíram de uma bocarra
aberta sobre o Vale,
reacendendo a dor de Mariana!...

Agora, ataca à socapa
Brumadinho,
o Rio Paraopeba,
e ameaça com larvas de lama
as barbas brancas
do Rio São Francisco –
“o Velho Chico” –
“o Rio da unidade nacional”,
das lições aprendidas nos bancos escolares?

V

O que vale mais para a Vale?
– a morte das pessoas,
da fauna e da flora,
das flores e dos frutos,
da esperança e dos sonhos
agasalhados nos ramos
e nos corações,
ou os rejeitos de ferro
dos minérios?

II

Vale do Rio Amargo,
Vale das Dores,
Vale das Vidas Perdidas,
Vale dos Horrores!

(Os rejeitos continuam
a cair da mesa do rico epulão
para o chão dos pobres lázaros)!

VI

Os pássaros calaram o canto –
e apenas alguns ensaiam
chamar a companheira
ao lar desfeito!...

Povo das Alterosas,
levantai-vos!
Bradai contra os desatinos
e os desatinados!

Os peixes já não brincam
à flor das águas
como crianças levadas!...

Acordai Tiradentes
e os Inconfidentes
e tantos mais –
Drummond de Andrade,
Valadares, Juscelino
e Capanema!

Os filhos do Rio Doce
sabiam de cor
as suas canções
ritmadas ao som
do marulhar das águas
“aos fulvos raios do sol”!...

E lançai o vosso basta
de novos Castro Alves,
diante de tanta ignomínia
e tanto horror
perante os céus!

A noite de lua cheia
vestia o rio de prata
e embevecia os corações
ao som dos violões em serenata!...
Agora, é só tristeza e solidão...

E de novo soerguei
o lema dos Inconfidentes
inscrito em vossa Bandeira:
“Liberdade ainda que tardia”!...

III

Nem todas as lágrimas
do povo das Gerais,
dos ribeirinhos,
dos que recebiam das águas
o pão de cada dia
e o batismo dos filhos
desse Jordão nativo!...

Assim poreis fim
a tanta iniquidade,
na Vale do Rio Amargo,
na Vale da Desgraça,
na Vale da Morte Anunciada,
na Vale dos Sicários,
para os quais a vida é um detalhe,
a fim de que renasçam
os campos verdejantes,
as águas cantantes,
os corações pulsantes
de sonhos e esperanças,
e possais cantar
de forma mais vibrante:
“Oh! Minas Gerais,
Oh! Minas Gerais,
Quem te conhece não esquece jamais,
Oh! Minas Gerais!...”

Nem toda a dor,
nem toda a saudade,
nem toda a tristeza da alma,
nem toda viuvez e orfandade
hão de trazer de volta
os doces acenos e arpejos do Rio Doce –
bonito como uma mãe gestante,
alegre como uma aurora radiante,
inocente como o sorriso de uma criança!...

A CEREJA DO BOLO

Valfredo Melo e Souza

Um hino ao sagrado ato de existir. Reporto-me ao cineasta Abbas Kiarostami (1940-2016) no filme *Gosto de Cereja* (*Taste of Cherry*), produção iraniana de 1997 premiada com a Palma de Ouro, em Cannes. A morte para comemorar a vida.

O palco é a Teerã de 1997. Um homem de 50 anos que, cheio de problemas, pede ajuda a vários operários desempregados para concretizar a ideia de seu suicídio e por fim encontra um velho, conhecedor da sabedoria do “viver”, onde flui o seguinte monólogo: “Eu estava cheio de problemas, farto da vida. Um dia, antes de amanhecer, peguei uma corda e saí com o meu carro. Tinha tomado a decisão de me matar. Cheguei em uma plantação de cerejas e estacionei. Tentei passar a corda numa árvore para me enforcar mas não consegui. Tentei várias vezes sem sucesso. Então subi na árvore e amarrei a corda com força. Foi quando senti uma coisa macia sobre minha mão. Eram cerejas. Comi uma. Estava uma delícia. Segui comendo... De repente, percebi que o sol estava, nascendo atrás da montanha. Nesse momento ouvi barulho de crianças indo para a escola. Sem saber da minha intenção elas pararam, inocentes para me olhar e me pediram para sacudir a árvore. As cerejas caíram e as crianças comeram. Senti-me feliz. Por não poder praticar o meu ato frente a elas, colhi algumas frutas para levar para casa. Minha mulher ainda estava dormindo. Quando acordou comeu as cerejas e se deliciou. Veja o que aconteceu comigo: tinha saído para me matar e voltei com cerejas. Vale dizer que uma cereja me salvou a vida! Você já comeu cerejas?”

“Assim descobri que minha mente estava doente. Que não apenas eu, mas todas as pessoas do mundo têm problemas. Há muita gente no mundo e não existe ninguém, uma família sequer, sem problemas. Se você está com sua mente doente como estava a minha, saiba que, no fundo, não há nada errado. Basta mudar sua perspectiva de mundo. Uma cereja comum, sem nenhuma importância, mudou minha perspectiva. Quando mudamos nossa ótica, podemos transformá-lo. Você pode estar no apogeu de sua vida, de sua idade, de seu destino, sem o saber. E aí por causa de um problema qualquer, pensa em se matar.”

“A vida é como um trem. Vai seguindo sempre adiante até alcançar o fim da linha, onde a morte espera na estação final. Como se pode ver, a morte é uma solução. Mas não no começo, não no meio, nem durante a vida. E vou falar mais. Você perdeu toda a esperança? Não quer ver o sol poente de vermelho e amarelo? Nunca mais quer ver uma aurora? E as estrelas ou uma maravilhosa noite de lua cheia? Não quer ver?”

“Se atentar para as quatro estações, verá que cada uma delas traz frutos. No verão, frutos doces. Outono, inverno, primavera, outros tantos tipos diferentes. Nenhuma mãe é capaz de encher a geladeira com tantos frutos para seus filhos como a natureza. Nenhuma mãe é capaz de fazer por seus filhos como Deus faz por suas criaturas. Você quer recusar tudo isso? Quer abrir mão de tudo isso? Quer abrir mão do gosto da cereja?”

Saio deste cenário e entro no poema “Feira dos Milagres”, da escritora polonesa Wislawa Szymborska (1923-2012), Nobel de Literatura, como uma necessária forma de sacralizar o óbvio... “Um milagre que não causa tanto espanto quanto devia:/ há na verdade menos de seis dedos na mão,/ porém mais de quatro/ Um milagre, é só olhar em volta: o mundo onipresente/Um milagre – pois como chamá-lo:/ o sol hoje nasceu às treze e catorze/ e vai se pôr às vinte mais um minuto/ Um milagre extra, como extra é tudo: o inimaginável/ é imaginável”.

EM OEIRAS, COM DAGOBERTO

M. Paulo Nunes

Não pude estar presente, por motivo superior, a esta nova edição do Festival de Cultura de Oeiras, quando teria a grata oportunidade de encontrar-me com essa figura invulgar de nossas letras, que é Dagoberto Carvalho Júnior, e expressar de minha parte e de viva voz, naquela terra bendita entre as terras, minha alegria pelo aparecimento da 2ª edição de seu livro admirável, sob todos os aspectos, *A Cidadela do Espírito – Considerações sobre a Arte Sacra na Obra de Eça de Queiroz*, obra que vem recolhendo os mais altos louvores da crítica especializada daqui e d'além-mar, graças à riqueza do tema e à originalidade do enfoque sobre o autor incomparável d'Os Maias. Louvores ainda de nossa parte à oportuna iniciativa do Real Hospital Português de Beneficência e da Companhia Editora de Pernambuco que em boa hora se associam para a publicação de um estudo que já representa na bibliografia queiroziana, como dizem os portugueses, “uma das mais significativas contribuições ultimamente aparecidas.”

Com efeito, é sabido que Eça tem sido, ao longo de sua vida literária, que há de durar, não apenas aquele breve instante das rosas de Malherbe, mas para todo o sempre, enquanto houver literatura portuguesa, tem sido desde muito cedo objeto de estudo e devoção, tanto em Portugal, quanto no Brasil. São de nossa terra os primeiros livros sobre a importância dessa obra singular, o primeiro deles, datado de 1911, da autoria de Miguel Melo, em obra premiada pela Academia Brasileira de Letras, à vista de um substancial parecer de Sílvio Romero, “em voto de saudação e louvor”, muito antes do aparecimento

em livro sobre o autor, de seu biógrafo, Antônio Cabral, em 1924 – *Glória e Sombras de Eça de Queiroz*, e é encimado pela sugestiva dedicatória: “À querida terra onde nasci, cujas serras Eça de Queiroz tão bem descreveu.” Depois é que vieram autores como Álvaro Lins, com a sua *História Literária de Eça de Queiroz*, obra marcante na bibliografia queiroziana, Vianna Moog, José Maria Belo, Constantino Paleólogo, Clóvis Ramallete, Dário de Castro Alves, Paulo Cavalcanti, Luís Viana Filho, Beatriz Berrini, Dagoberto Carvalho Jr., para referir apenas os de meu conhecimento, alguns dos quais de consulta permanente.

Jean-François Revel, em estudo admirável a respeito de Marcel Proust, *Sur Proust*, afirma que ninguém é escritor se não possui um tema. Dagoberto estrearia na vida literária com um ensaio historiográfico, *História Episcopal do Piauí*, depois, publicaria o seu *Passeio a Oeiras*, obra em relação à qual, eu já dissera ombrear-se aos guias históricos de cidades brasileiras, como o *Guia de Ouro Preto*, de Manuel Bandeira, e os de Olinda e Recife, de Gilberto Freyre, ou o *Bahia de Todos os Santos*, de Jorge Amado. Depois é que a meu ver encontraria o seu tema, ou a sua mania ou adquiriria a sua filoxera, como já o disse na apresentação de seu último livro sobre Eça, *Da Janela de Tormes*. Assim é que foram surgindo: *A Palavra e o Tempo* (1992), *Eça e Gilberto, na Fundação Joaquim Nabuco* (1996), *Eça de Queiroz – Retratos de Memória* (2001), *Revolução pela Palavra* (2004) e o já citado *Da Janela de Tormes* (2006).

Também há a assinalar a sua participação em livros e estudos sobre o mesmo tema, como a

colaboração na edição da *Obra Completa de Eça de Queiroz*, da Editora Nova Aguilar, vol. III, organizada pela competência de Beatriz Berrini, com a Introdução a *Uma Campanha Alegre* – Rio de Janeiro (2000), no *Dicionário de Eça de Queiroz*, com verbetes sobre o tema – Editorial Caminho, Lisboa (2000) e no *Dicionário Temático da Lusofonia* – Texto Editores – Lisboa (2005).

Com este livro fascinante realiza Dagoberto um substancial trabalho de pesquisa sobre assunto até então inédito a respeito de Eça, na literatura de língua portuguesa, porquanto, talvez pela primeira vez, algum estudioso se tenha debruçado com tanto empenho e uma competência das maiores sobre tema dos mais originais na obra queiroziana. Com efeito, alguns já se detiveram na análise do seu estilo ou de sua expressão perfeita, como o já citado Álvaro Lins, ou as turbulências de seu temperamento decorrentes da suposta ilegitimidade de suas origens familiares, como João Gaspar Simões, em sua monumental biografia do criador da *Ilustre Casa de Ramires*, ou seu anticlericalismo presente em *O Crime do Pe. Amaro*, ou ainda o seu lusitanismo crítico e a sua impenitente crítica social. Nenhum porém se havia preocupado até então com esse aspecto fundamental e no entanto jamais referido em sua bibliografia: a arquitetura religiosa de uma obra tão visceralmente irreverente.

Quero, finalmente, significar o quanto fiquei gratificado com a oportunidade da (re)leitura de tão belo estudo do nosso caro Dagoberto e de espiritualmente reencontrar-me com esta figura de intelectual de escol dos que honram nossa terra e dignificam sua gente. Voltaremos ao assunto.

AS DUAS MÃOS

Ana Miranda

Calcular num instante, escrever versos, correr como o coelho, cantar ópera, filosofar e desenhar; ou dançar a dança do ventre, atuar em palcos, exercer a medicina, plantar flores que vicejam, assombrosas, pintar a óleo e cozinhar; acredito que todas as pessoas possuem muitas aptidões. Ou talentos. Ou todos os talentos.

A primeira frase que escrevi em minha vida, aos quatro anos – está num caderno de 1955, foi: Eu tenho duas mãos. Pode parecer ingenuidade de criança, mas contém infinitos significados e encerra uma sentença de vida. Sempre tive duas mãos, a mão dos romances e a mão dos desenhos.

Existe, mesmo, um fabuloso poema do Drummond – poetas são como as crianças – dizendo, Tenho apenas duas mãos e o sentimento do mundo. Mas ele diz a palavra “apenas”, sentindo-se combatido; e a criança descobre a força de ter duas mãos.

Não sei se gosto mais de desenhar ou de escrever. Sei, sim. Gosto mais de desenhar. Mas o desenho não me satisfaz. O desenho pode ser ao acaso, distraído, é a mão que pensa. Escrever ocupa a cabe-

ça, é preciso pensar, decidir, compreender, lembrar, num desafio de racionalidade e magia juntas.

Muitos são os escritores que desenham. Estive relendo o livro de Orhan Pamuk, “O romancista ingênuo e o sentimental”. Pamuk, um de meus escritores favoritos, que narra pensamentos como se fossem um rio calmo, foi também pintor até os 23 anos. Ele acha que os escritores sentem inveja dos pintores.

Muitos são os escritores que pintam. Strindberg gostava de pintar turbulentas paisagens românticas, e disse que, ao pintar, sentia-se indescritivelmente feliz como se estivesse fumando haxixe. Proust escreveu, “Meu romance é uma pintura”; seu personagem, Bergotte, diz, diante da pintura “Vista de Delft”, do holandês Vermeer: “Assim é que eu deveria ter escrito. Meus últimos livros são muito secos, seria preciso passar-lhes diversas camadas de cor, tornar a minha frase preciosa em si mesma, como este pedacinho de muro amarelo”.

Henry James usava a expressão “ver minha história” e diz que seu narrador é um pintor, pois fica distante dos acontecimentos no livro e não se

envolve em dilemas de personagens. James considerava que ser romancista é pintar com palavras. Usava, em suas ficções e em seus ensaios, palavras como panorama, quadro, pintor. E Clarice Lispector pintava tristes manchas de cores. Kafka desenhava, Guimarães Rosa desenhava.

Sei que tenho um talento muito maior e mais natural para o desenho, como Pamuk. A pintura é um talento, e a literatura, um exercício. A sensação é que estou desenhando com palavras, quando escrevo um romance. “Entendo facilmente por que grandes romancistas que admiro lutavam para ser como pintores”, diz Pamuk. “Ou porque invejavam os pintores, ou porque lamentavam sua incapacidade de escrever ‘como um pintor’”. A tarefa de escrever um romance consiste em primeiro imaginar um mundo que somente existe como um quadro, depois é que toma a forma de palavras. Imaginação, mesmo, a palavra já diz: formar imagens. Assim, ando em busca da imaginação como os romancistas que pintam com os pensamentos. Ou, como os desenhistas que escrevem romances com traços e cores. Sempre haverá um modo de vivermos nossas duas mãos.

O BENZEDOR DE CHUVA (CONTO SERTANEJO)

Hilda Mendonça

Mas ali é a casa do velho Januário! É um casebre de pau-a-pique coberto de sapê! Será o primeiro a ir pelos ares! Vamos voltar!

Concordei e já íamos voltando, quando me surgiu uma ideia.

Lá, pelo menos teremos companhia! Eu não volto.

Carolina seguiu-me a contragosto. Ao aproximarmos do casebre, Januário surgiu à porta. Foi bom ver aquele rosto sereno, enrugado, aqueles cabelos brancos, seu porte decente imprimiu-me certa confiança. Foi logo dizendo:

Entre, minhas fia, entre, tem lugar pra todos. Aqui, vosmesceis estão segura.

E puxando um banquinho, convidou-nos a assentar. Só depois de bem instaladas, prestei atenção aos presentes: mãe Zula, esposa de Januário, de olhar sereno, jeito manso (é dessas pessoas que quando se assentam parece que o mundo se assenta com elas), Fuinha, o genro, cabelo carapinha, meio amarelado, barba cavanhaque, dentes querendo daltar fora da boca, lábios grossos. Das Dores, filha de Januário, morena meio insonsa, magra, porém uma boa criatura, e duas meninas entre quatro e sete anos, filhas de Das Dores e Fuinha, das quais não me lembro o nome.

Ficamos, a princípio, em silêncio. Lá fora o vento era ameaçador e já uma grande tempestade se aproximava. Nuvens passavam ligeiras, cada vez o céu se escurecendo mais. Pensei que se saíssemos vivas desta já seria, sem dúvida, um milagre.

De repente ouvimos gemidos. O vento empunhou fúria total e entrou porta adentro. Fuinha, muito assustado, pediu:

– Benze ele, pai Januário, ou nós morre todos.

– Não tô preparado ainda, meu fio (foi a resposta).

Das Dores começou a chorar abraçada aos filhos. Corri e fechei a porta, mas o vento entrava pelas frestas, gemendo feito gente. Das Dores gritou:

– Pai, benze ele! Isso é Sopro do Cão! Veio é nos matar!

Foi quando Pai Januário suspirou fundo, levantou-se com gestos lentos e abriu a porta. O vento entrou enfezado, derrubando o que encontrava. Os primeiros objetos a cair foram as tampas das painéis de Mãe Zula. O pânico tomou conta de todos nós. Abracei-me à Carolina e esta, tremia. Januário então, muito sério, beijou a cruz que trazia ao pescoço e começou a falar, com autoridade na voz, olhando para a amplidão:

– Calma, moço, calma! Não vê que temos visitas? Não vai fazê estripulia! Você pode assustá as moça! Calma, moço, calma!

E assim conversando mansamente com um ser invisível, foi saindo para o meio da noite com os braços abertos, sempre repetindo: Calma, moço, calma!

Cá dentro, todos ficamos imóveis.

Carolina olhou pra mim com olhar de deboche, mas eu senti que havia alguma coisa no ar. O vento balançava o rancho e já o sapê da cobertura ameaçava ir pelos ares. Fuinha fechou então a porta, mas o vento continuava a gemer feito gente. Nisso eu gritei:

– Põe Januário pra dentro! Ele vai morrer lá!

– Vai não, moça, disse Fuinha. Ele sabe o que faz, tem intimidade com o Cão.

Passado algum tempo, percebemos que o vento passava ao largo, uivando, mas o rancho não era tocado, parecia isolado. Fiquei a prender a respiração, sem entender o que acontecera. Carolina tinha os olhos esbugalhados de medo e de susto. O gemido do vento parou como que por encanto e foi então que Mãe Zula tirou o rosário e começou a reza do terço e nós, meio sem jeito, acompanhamos a oração da família. Quando, por fim, ela arrematou a reza com uma Salve-Rainha, beijou a pequena cruz do rosário, deu um suspiro fundo, olhou para as nossas caras estupefatas e disse à Das Dores:

– Vá chamá teu pai.

Das Dores saiu e logo depois voltou com o Januário. Incrível, ele estava muito pálido, com a roupa rasgada, os cabelos desgrenhados e um olhar febril. Olhou para nós e com um ar de cansaço, disse:

Melhor as menina pernoitá por aqui esta noite. Ele pode vortá e aqui as menina tarão segura. É pobre, mas a gente se ajeita.

Todos em volta guardavam um grande silêncio. Mãe Zula botou um colchão no chão e eu e Carolina recostamos meio desacomodadas, mas isto não nos impediu de pegar logo no sono e só acordar com o dia claro e o cheirinho bom do café de Mãe Zula a penetrar casa a fora.

Levantamos, havíamos dormido vestidas, tomamos o cafezinho de Mãe Zula, com broas de fubá, gostosíssimas, por sinal, e após agradecimentos e despedidas, rumamos para a estrada. A manhã estava linda e só percebia que chovera, devido às folhas molhadas dos arbustos.



ACADEMIA BRASILIENSE DE LETRAS – ABRL

INSCRIÇÃO

Na forma e para os fins do art. 13 do Regimento Interno, é declarada a vacância das Cadeiras nº XXXI (patrono: Graciliano Ramos), vaga pelo falecimento de Luiz Cláudio Cardoso, e nº XXX (patrono: Monteiro Lobato), vaga pela morte de Márcio Cotrim.

Fica aberto o prazo de 30 (trinta) dias a contar desta publicação para inscrição de candidatos ao seu preenchimento, os quais deverão satisfazer as condições exigidas pelo art. 2º do Estatuto Social.

As inscrições serão feitas na secretaria da Associação Nacional de Escritores – ANE, SEP Sul 707/907, Bloco F, Edifício Escritor Almeida Fischer, tel. 3242-3642.

Brasília, DF, 17 de abril de 2019

Fabio de Sousa Coutinho

Presidente

MÃE STELLA DE OXOSI

Cyro de Mattos (*)

A estrela dorme,
Revela-se em transe.
É feita de cantos,
Bênçãos e passes.

Grandes cinzas
Consumem os filhos.
Os atabaques mudos
Da estrela, profundos.

Oxossi está nela,
Atira na treva.
À mata da morte
O arco e a flecha.

O mundo entardece,
Tudo sopra o vento.
Do jeito que pende
Abana o mito.

Velas da África
Deslizam nas rezas.
São os rostos tristes
Do candomblé na Bahia.

(*) Escritor, poeta, advogado, Doutor Honoris Causa da Universidade Estadual de Santa Cruz (Bahia) e membro da Academia de Letras da Bahia e do Pen Clube do Brasil.

O “EU” COMO PONTO DE PARTIDA

José do Carmo Francisco (*)

Ronaldo Cagiano nasceu em Cataguases (Minas Gerais – Brasil), é licenciado em Direito, viveu em Brasília e em São Paulo, tendo-se radicado em Portugal (Costa do Sol) e estreou-se em livro em 1989 com *Palavra engajada* (poemas).

Em “Os rios de mim” (Ed. Urutau, Pontevedra, Espanha, 2018), o ponto de partida é o «eu»: «Nasci empurrado pelas águas / de um ribeirão em fúria / numa madrugada espúria / com sua opulência de gritos, / abril se despedaçando». O ponto de chegada é o lugar no qual «Há um mundo dentro das palavras / (máquina soturna) / que tento desbravar: / esse promontório / que é sedução / ou abismo.» e surge uma certeza: «A viagem ao passado / nunca regressa: / na combustão da memória / sinto um cão

/ chafurdando o íntimo / adulando um cardume de açoites.»

Pelo meio, entre o ponto de partida e o ponto de chegada, ficam as viagens (Buenos Aires, Lisboa, Roma) e os rios (Tibre, Tejo). Tal como Federico García Lorca, o autor poderia afirmar num verso que «a vida não é bela nem sagrada» mas, e ao mesmo tempo, o poeta teima, teima sempre: «Não há metáfora possível / no cativeiro da fé. (...) Na contumácia da mentira / residem a inexatidão da vida / a persuasão da morte. / Nas vísceras do pranto / a denúncia do que não sabemos. / Minha vida só reconhece / o matraquear das dúvidas / e sua rumorosa oficina de desacertos.»

Num duplo registo (Natureza e Cultura) os poemas oscilam entre a Geografia, o Cinema, a Literatura e a Música. O livro abre com o poema que dá título ao

conjunto: «Nas águas do velho rio / que passa pela minha cidade / e corta minha memória / feito / lâmina resoluto / há barcos misteriosos / que conduzem sonhos e malogros / do menino que adormece em mim.» O Cinema está no poema da página 34: Almodóvar e Kiarostami.

A Literatura está nas citações e até num poema em diálogo com a Poesia de Murilo Mendes. Versos de Eugénio de Andrade, Fernando Pessoa, João Cabral de Melo Neto, David Mourão-Ferreira, Manuel Bandeira, António Cícero ou Nuno Júdice ajudam o Poeta a responder à «dor» do Mundo que é sempre muito mais do que «uma sílaba atroz».

(*) Escritor e jornalista português, autor, dentre outros, de “Iniciais”, “Os guarda-redes morrem ao domingo” e das antologias como “O trabalho”, “O desporto na poesia portuguesa” e “As palavras em jogo”.

Continuação da página 1

O SONHO TRÁGICO DE ABRAHAM LINCOLN

Daniilo Gomes

Lincoln era um homem extremamente sensível, um sábio, um democrata, um sofredor, desde sua juventude de lenhador no Kentucky, uma alma boa. Estudara Direito a duras penas. Agora a morte o rondava, e ele o pressentia.

A cena sonhada – aquela angústia onírica – estava prestes a se concretizar em Washington. Seus desafetos e inimigos trabalhavam nas trevas da estupidez, da canalhice e da vingança, depois de derrotados militar e politicamente.

Assim, na noite de 14 de abril de 1865, uma Sexta-Feira da Paixão, o reeleito Presidente dos Estados Unidos foi assassinado por um alucinado ator de terceira categoria, John Wilkes Booth. O grande estadista estava no Teatro Ford com a mulher, Mary, e pequena comitiva, que incluía o General Ulysses Grant e sua mulher, Julia. Julia Dent Grant detestava Mary Todd Lincoln, mas acabou indo.

A peça a ser vista era a famosa comédia de Tom Taylor, *Nosso primo americano*, com a consagrada atriz Laura Keane. Era um espetáculo beneficente.

Lincoln e Grant (o comandante da vitória) não queriam ir. A mulher de Lincoln insistiu em comparecer ao Teatro Ford. Bateu o pé. Autoritária, sempre querendo “brilhar”, arrastou o marido, avesso a discussões conjugais. Teatro lotado: 1.675 pessoas estavam ali, menos para assistir à peça do que para ver o grande Lincoln. Tudo corria normalmente. Tudo bem no camarote presidencial, onde Pai Abraham (assim carinhosamente o chamavam) assistia às cenas com atenção, de mãos dadas com Mary. O segurança daquela missão, o policial John Parker, ficou entediado e saiu do Teatro. Convidou o cocheiro da carruagem presidencial, Francis Burns (que cochilava na boleia), para tomarem umas cervejas no botequim próximo, o Taltavul. O mordomo Forbes os acompanhou. Como se vê, grave falha da Segurança Presidencial. Os três não estavam na trama, foram apenas irresponsáveis e imprudentes, em especial o guarda-costas Parker.

Enquanto os três bebiam na mencionada taberna, John Wilkes Booth se preparava para entrar em cena. Pulou no desprotegido camarote presidencial e deu o tiro fatal na cabeça de Lincoln, que morreria na manhã seguinte, após horas de inconsciência. Pai Abraham, alma santa, agora estava morto, tornando real o sonho/pesadelo que tivera dias antes.

A história completa está no sensacional livro de Jim Bishop, *O dia em que Lincoln foi assassinado*, edição da Record, sem data e sem o nome do tradutor (há uma ótima edição da Itatiaia, tradução do pernambucano/mineiro Oscar Mendes, que li anteriormente). Jim Bishop escreveu também *O dia em que Cristo nasceu* e *O dia em que Cristo morreu*.

O dia em que Lincoln foi assassinado é um dos melhores livros que já li e reli. Muito bem narrado, num suspense crescente, é uma leitura de tirar o sono, impressionante e inesquecível, um clássico da historiografia. Merece urgente reedição, na boa tradução de Oscar Mendes, que conheci em BH, na década de 1960, como bem sabe o escritor Pedro Rogério Moreira, sobrinho do dono da Itatiaia, o editor Pedro Paulo Moreira, e do poeta Édison Moreira, e filho do escritor Vivaldi Moreira.

Vamos encontrar a narrativa do assassinato de Lincoln no livro de Marcos Rey, *Grandes Crimes da História* (Cultrix, SP, 1969, págs. 81 a 105). Lembra-nos o autor: “Quanto aos conspiradores, foram todos presos e enforcados: Paine, Atzerodt e Herold. A Senhora Surrat, cuja inocência mais tarde foi comprovada, teve o mesmo fim: a força.”

E conclui: “John Wilkes Booth resistiu à prisão, vivendo mais um papel de sua rica galeria. Cercaram-no numa granja na Virgínia. Como não dava importância à vida, mas à celebridade, enfrentou os que lhe deram ordem de prisão. Foi abatido a tiros.”

Abraham Lincoln, bíblico Pai Abraham, herói do meu Panteão da Democracia, santo leigo do meu altar.

AS BOCAS FOSSEM OUTRAS

Afonso Felix de Sousa

As bocas fossem outras, que falassem
de terras, mas não esta,
onde a beleza, eterna, perderia
os homens só por vê-la,
e ouvir não fosse ouvir tantas perguntas
a medo murmuradas,
mas a que espero há muito, uma resposta
que fale mais que a música.
A vida, a que sonhamos em segredo
palpá-la com um gesto
de fogo, de poesia, de loucura,
e mansos, em espumas,
cantassem aleluias dentro da alma
os anjos dominados.
Toquei em muitos seres, tantas coisas,
por mim tocadas foram
que, como o vento, levo – mas suave –
um beijo, um arrepio,
mas como te alcançar com mãos de pluma
se as aves são de carne?
Fugir, fugir... de mim e desta sede
pois fonte alguma basta,
e ser, no húmus do amor, uma semente
rompendo o escuro e o muro.
E cresçam. Crescei, árvores: milagres
em terras, mas não esta,
onde a beleza eterna seja, e a vida
ganhássemos por tê-la.

UM MERO CHURRASCO

Flávio R. Kothe

Eu estava fazendo um churrasco. Convidados eram um menino de sete anos e a mãe dele, além de um amigo meu, Rômulo. O menino Juan era colega e amigo do meu filho, que estava lá conosco.

Eu havia conhecido o pai de Juan: dentes e neurônios arrebatados de tanto usar crack, conforme ele mesmo me contou quando viera buscar o filho na semana anterior. A mãe de Juan era uma hiponga que trabalhava em transatlânticos e não sabia quem era o pai do feto que ostentava na barriga. O filho deles era lindo, cabelos loiros encaracolados, olhos claros, esguio, parecia o Tázio de Morte em Veneza.

Meu amigo Rômulo era professor de piano dos dois meninos há meio ano e resolveu me dar um alerta sobre eles:

– Esse menino Juan, acho que o nome dele é Isaac, com essa retaguarda que tem dos pais, corre o risco de se tornar na adolescência um usuário de drogas e pode arrastar junto o seu filho. Já vi casos assim.

– Eu não posso interferir na amizade dos dois meninos. Juan parece boa gente, sempre foi amável e respeitoso comigo, gentil. Ele é criado pelo avô, que foi porta-voz do governo. Olhando de perto, todos são loucos. Todo o mundo tem problemas.

Enquanto eu estava conversando com Rômulo em frente à churrasqueira, mexendo os espetos e regulando o fogo que teimava em subir demais (eu usava madeira, não carvão, achava que o sabor era melhor, especialmente de certas madeiras frutíferas), o menino, suplicando para a mãe não ir embora, não voltar para o alto-mar, disse que gostava muito dela. A mãe procurava se livrar dos braços dele.

– Eu já disse que não dá. Eu tenho de ir. Comporte-se! Seu avô e a Dinda vão cuidar de você, já conversei com eles.

O que eu sabia era pouco para julgar. Aliás, eu nem queria julgar, talvez poder ajudar. A mãe, nas roupas e badulaques que usava e que já deviam estar meio fora de moda, tinha todo o jeito de uma hippie, dessas que vão a lugares místicos e vendem artesanato em feiras. A cabeça dela não conseguia se deter em nada, queria sempre movimentação, conhecer novos lugares e novas gentes: trabalhar num transatlântico talvez fosse mesmo a opção mais produtiva. Para ela. Isso era, no entanto, incompatível com ter filhos e criá-los.

A sogra dela, a primeira esposa do avô, minha colega na universidade, havia me dito que se passava algo estranho com essa moça: quando ela engravidava de um homem, pegava nojo dele, como se fosse culpado por deformá-la. Antes de a criança nascer, já estava separada do futuro pai. Era a segunda vez que isso acontecia. Depois de algumas semanas de a criança ter nascido, ela a levava para o pai, dizendo:

– Toma, o filho é teu, cria.

Não voltava atrás da decisão. Para a criança, ser enjeitado pela própria mãe devia ser pior do que a rejeição pelo pai ou por outros familiares. Eu havia visto a minha primeira esposa fitar com horror o nosso filho recém-nascido. Não pensava que isso pudesse acontecer. Eu havia me dedicado ao menino, sempre temendo deixá-lo totalmente nas mãos da destrambelhada e destramelada.

Ouvi Juan suplicando para a mãe:

– Fica aqui comigo, manhê. Vou ter um irmãozinho. Quero conhecer ele. Quem vai cuidar dele?

– Isso é problema meu. Eu já vou dar um jeito! O corpo é meu, ninguém tem nada de se meter!

– Mas mãe!

– Nem mas nem meio mas. Eu já lhe disse para parar. Se você continuar desse jeito, eu nunca mais apareço.

– Mãe, eu fiquei dois anos sem lhe ver!

– Vá se acostumando. Isso é bom para você crescer. Precisa ser um homenzinho.

Eu tirei a linguíça do espeto, cortei em pedaços e pedi que meu filho oferecesse para os convidados. Examinei as carnes, o gosto no centro-oeste era de carne bem passada, não do boi berrando como no pampa.

Rômulo voltou a se aproximar de mim brincando:

– Pelo jeito o churrasqueiro não tem tempo para comer!

– Ele guarda o melhor pedaço para o fim, é o pedaço do churrasqueiro.

– Você ouviu?

– Vi e ouvi. Mas o que nós podemos fazer?

– Eu estou desistindo de continuar dando aulas de piano para esse menino. Ele não quer aprender, só faz forçado pelas duas avós, não tem a menor vocação, música não é uma língua que ele entenda.

– Poucos entendem. Alguns como que nascem sabendo. E o meu filho?

– Ele tem dom musical, mas não dá o menor valor para isso, tem preguiça. Acho que uma criança precisa brincar, não ficar cinco-seis horas por dia na banqueta.

– Na minha família, há vários casos de musicalidade. A criança faz em quinze minutos o que outros precisam duas horas.

– E daí só estudam quinze minutos?!

– Exato. Não querem ser diferentes dos outros. Ficam com vergonha. Deviam estudar ao menos o dobro dos outros, para cultivar o dom. Se a pessoa nasce com um dom, precisa servi-lo; se não, ele se torna um tirano, se vinga e destrói o dotado.

– Pessoas mais sensíveis sofrem mais. Por isso eu me pergunto se desenvolver a sensibilidade de jovens não acaba sendo pernicioso para a vida deles?!

– A alternativa é o grosseiro, brutamontes, estúpido.

– Tem gente que acha que é artista, mas é apenas neurótica.

– E sofre e lima e sua!

– Deve sofrer de TOC, como todo formalista...

Demos uma boa risada. Pedi que todos viessem à mesa, que eu ia começar a servir as carnes, picanha e maminha como se queria na cidade, não chuleta e costela como na gauchada. Vi que Juan estava enxugando as lágrimas enquanto se assentava à mesa ao lado do meu filho. Eu me dava bem com meu garoto, ele era a família que eu não tinha, mas em geral, depois da escola, ele preferia a companhia do laptop e do i-pad.

Ofereci uma cerveja à mãe de Juan e me sentei ao lado dela. Era uma mulher bonita, magra e avoadada, boa para uma aventura, não para uma permanência, para se ouvir durante 1001 noites. Conversamos sobre lugares turísticos, não tocamos no que era mais espinhoso. Falamos para não conversar.

Pouco depois chegaram os avós de Juan para levá-lo a outra festa. A segunda esposa do avô era madrinha dele, por isso ele a chamava de Dinda. A mãe se retirou com eles, meu filho foi para o quarto refugiar-se no mundo virtual.

Rômulo ficou assoviando uma música de Teixeira que quando garotos nós cantávamos no pátio

da escola nos intervalos e que falava da pobre mãe que havia morrido quando a casa se incendiara. Nós a chamávamos de “Churrasco de mãe”. Brinquei com meu amigo, que achava que a música erudita estava para a popular como o vinho para o suco de uva, sugerindo que ele estava mudando de repertório. Ele riu comigo.

Rômulo e eu ficamos conversando sobre a tendência dos jovens em abdicar do mundo se refugiando na ficção da internet. Ele contou que um aluno dele havia se tornado autista na adolescência. Os pais eram separados, a mãe criava o filho em BH, mas na adolescência não aguentou mais a rebeldia dele e mandou-o para o pai, que havia se preocupado em fazer pelo filho tudo o que não fizera durante os últimos anos. O filho não queria nada. Não ia à escola, não estudava piano. O pai, que era programador, tentou ensinar-lhe a fazer programas de jogos eletrônicos, mas o rapazinho não quis saber. Ficou tão apático que não houve outro jeito, por fim, senão internar numa clínica.

Eu contei que na minha vizinhança havia acontecido dois casos com filhos que já haviam chegado aos trinta anos, mas nem estudavam nem trabalhavam, apenas ficavam em joguinhos eletrônicos dia e noite. Viviam à custa dos pais, devido ao apoio das mães. Em um dos casos, o pai havia dado uma semana para o filho tratar de arranjar emprego e sair de casa. O filho mais velho, que tinha uma empresa de informática, chamou o irmão para trabalhar com ele e levou-o consigo. No outro caso havia sido pior: o pai, depois de muitos avisos e conversas, havia dado três dias para o filho sair de casa. O filho se enforcou.

Rômulo e eu ficamos conversando, olhando a chuva gotejar lentamente nas folhas das árvores. Éramos impotentes para resolver tantas dores do nosso tempo. Não sobrecarregar aos outros era a maior caridade que podíamos fazer.

ABUTRE

Reynaldo Valinho Alvarez

Há vinte e duas horas que não como, nem bebo, nem sorrio, sou um traste suspenso no dilema do contraste entre a inércia e o partido que não tomo.

Da catedral sonhada vi o domo tombar ao chão, vergando ante o desgaste com que o tempo feroz faz que se afaste da juventude o derradeiro pomo.

Saltar desta janela para o espaço, eis o gesto supremo que não faço, preso à eterna apatia que me nutre.

Sento-me a olhar as luzes da cidade e então, num arrepio, a realidade crava-me as garras horríveis de abutre.

DESERTO DO MUNDO (DO CORAÇÃO)

Emanuel Medeiros Vieira

PARA AS MINHAS IRMÃS E OS MEUS IRMÃOS

“NON RIDERE, NON LUGERE, NEQUE DETESTARI, SED INTELLIGERE”

”NÃO RIR, NÃO LAMENTAR, NEM AMALDIÇOAR, MAS COMPREENDER”

BARUCH SPINOZA (1633-1677)

Viagem, passagem, tempo – meros transeuntes no planeta.

A comunicação pode ser (ou parecer) impossível, mas não desistimos dela.

Pois “no deserto do mundo a única terra fértil é o coração do ser humano”, como acreditava Dom Helder Câmara (1909-1999).

É fundamental a passagem da escravidão para a libertação.

Acredito que todos nós percebemos os imensos avanços tecnológicos alcançados pela civilização.

Mas eles não correspondem à vida interior das pessoas: regressões éticas, mentiras, corrupção desenfreada, os mais variados jogos da *esperteza* (maliciosamente confundidos com a *autêntica criatividade* – que nos faz crescer), a desilusão no coração humano, as dificuldades de alcançarmos as verdadeiras mudanças (internas ou externas), a sensação de que vivemos num soberano *exílio*, no qual não triunfa a intersubjetividade das consciências – mas o individualismo – **para a construção de um mundo mais ético, justo e melhor.**

Toneladas de papéis não dão conta do desassossego humano.

Afora, as doenças, a imensa desigualdade, as guerras todas, e nem pequenos conflitos se resolvem.

O Papa Francisco lamentou a falta de união ao redor do mundo e alertou contra a busca desenfreada por lucros que beneficia apenas a poucos.

“Quanta dispersão e solidão existe entre nós. O mundo está completamente conectado e, ainda assim, parece crescentemente desunido”, disse ele.

A própria noção de caridade, para muitos, virou algo piegas, quando na verdade ela é “a esponja do coração: quanto mais bens espreme, mais bens lança de si”.

Sim, viagem, passagem, tempo – meros transeuntes no planeta.

Para Soren Kierkegaard (1813-1855), “o possível é um extraordinário espelho que só pode ser usado com prudência”.

E a nossa memória afetiva?

“Esquecer alguém é como/esquecer de apagar a luz no quintal/e deixá-la acesa também de dia:/mas isso também é lembrar/pela luz”.

São versos do poeta israelense Yehuda Amichai (1924-2000).

Segundo Marcelo, “a ideia da casa abandonada, casa que deixamos provisoriamente, casa que alguém constrói – volta e meia aparece nos versos desse autor, que nasceu na Alemanha, mas migrou com a família para a Palestina em 1935”.

A casa poderia ser o mundo.

Casa não é só fundação, prego, tijolo, cimento, areia.

É essencialmente memória afetiva, histórias, pés que lá pisaram, pipas no quintal, onde havia um pé de goiaba e uma outra “casinha” (de madeira) com enxadas,

pás, arame, tanta coisa, e na casa principal, entrando-se pelos fundos, um fogão de lenha, um tio que chegava sorridente, alegre, abraçando mamãe com incrível carinho e brincadeiras, canjica na Semana Santa, tainha frita, e mesmo na hora de algum luto ela continuava à frente do fogão de lenha.

Parece que todos me visitam nesta manhã de domingo – ofereço café novo, pão feito em casa, geleia de morango, **todo o amor acumulado por gerações, estão todos juntos – também a já numerosa legião de mortos amados – com eles, desde o diagnóstico do meu câncer (em 30 de dezembro de 2014), sonho de maneira recorrente, até continua, um café no aeroporto com a Leticia, “liderando” um giupo de psicólogos, Marcelo relembrando nossos acampamentos, aventuras, tragos (um bilhar nos “Ingleses”, na Ilha de Santa Catarina, o Júlio César estava presente), o Pepe convida-nos para um churrasco, ele prepara com esmero, Giocondinha querendo a “saideira” (de cerveja), em outra dimensão deve ter esquecido que não bebo há quase três décadas, mas para ela não ficar triste proponho um suco de maracujá, Alfredo David, apaixonado pelo mar, ilumina o seu olhar quando fala de uma casinha azul e branca que ele amava muito, no extremo-norte da mesma Ilha, perdão aos mortos que não citei, o domingo se põe, os visitantes foram embora, mas um encantamento permanece – como um cheiro de jasmim – nos pássaros cantando, na lua cheia, no tempo que *passa batido*, na própria vida – ela mesmo, a gente querendo segurar – para sempre – o instante.**

(Brasília, março de 2019)

O SERTÃO NOS OLHOS DE DIADORIM(*)

Antonio Roberval Miketen

A composição na narrativa de *Grande Sertão: Veredas*, de João Guimarães Rosa, parece ser regida à guisa de uma tessitura musical. Seus temas se atraem, se ocultam, se interpenetram num silencioso desencadear de motivos condutores.

Como se sabe, o processo de repetição do tema na música – que teve em Wagner seu expoente máximo – é conhecido como motivo condutor ou leitmotiv. Tal reiteração, entre outros elementos, pode associar o tema a determinado personagem, no decurso de todo o drama musical.

Em *Grande Sertão: Veredas*, o personagem Diadorim, em obsessivas reiterações, se associa ao tema da magia lírica do sertão. Tal tema, acionado como motivo condutor, se reveste de valor simbólico, e se acomoda sobre a transposição de uma sensação visual: trata-se da referência, sempre repetida, aos olhos verdes do personagem. Esse motivo condutor, dentro do romance de Rosa, revelando uma visão estilizada, se situa entre a descrição realista e a definição abstrata do personagem.

Assim, os olhos de Diadorim ressurgem sempre como força simbólica, portadora dos sentimentos de Riobaldo, e como suporte perceptível do sertão lírico. Observe-se a repetição do motivo condutor, direcionando o tema, brotando e sustentando a narrativa, em alguns trechos escolhidos:

esses olhos, sempre havendo, aquela beleza verde... (p. 38)

os olhos, aos-grandes, verdes. (p. 80)

Os olhos verdes, semelhantes grandes, o lembrável das compridas pestanas... (p. 107)

o dos olhos muito verdes... (p. 453)

Entre os suportes temáticos da magia lírica do sertão, a que se associa o personagem Diadorim, através de seus olhos verdes, desponta a palmeira buriti:

Buriti, minha palmeira,

lá na vereda de lá:

casinha da banda esquerda,

olhos de onda do mar... (p. 42)

Em contraponto com esses versos apologéticos, surge de imediato o motivo condutor, fundindo o sertão lírico aos olhos do personagem:

Mas os olhos verdes sendo os de Diadorim. (p. 42)

Veja-se, em outra repetição, que os olhos de Diadorim, vegetalizados, apresentam “folhudas pestanas”, como se fossem palmas do buriti:

Olhei: aqueles esmerados esmartes olhos, botados verdes, de folhudas pestanas... (p. 81)

Destarte, o buriti pode ser sentido, nesse romance, como símbolo do sertão e, por sua vez, os olhos verdes projetam uma metáfora dessa palmeira, tão bem revelada pela imagem do motivo condutor.

No consagrado “Trilhas no Grande Sertão”, M. Cavalcanti Proença afirma que o buriti é sempre uma nota de suavidade ao livro intensamente dramático de Guimarães Rosa, e propõe que essa lírica palmeira seja a imagem da casa e da mulher, da mãe cedo perdida, da noiva muito sonhada.

De fato, o buriti está vivamente ligado aos sentimentos de Riobaldo, ao seu amor por Diadorim.

Bocage escolhia a palmeira para se lamentar da infidelidade da mulher amada. Coincidência ou não, Riobaldo, no desespero provocado pela morte de Diadorim, procura uma palmeira para o lamento de sua infelicidade.

Namorei uma palmeira, na quadra do entardecer... (p. 455)

A palmeira, como também sua folha, era considerada, entre os antigos, como símbolo do martírio. Nesse trecho de *Grande Sertão: Veredas*, a palmeira simboliza claramente o sofrimento de Riobaldo, depois da morte de Diadorim.

Nesse mesmo sentimento, com a fulminante, traumática, confrangente morte desse personagem desvanece o colorido do sertão lírico:

Diadorim, Diadorim, ho, ha, meus buritizais levados de verdes... (p. 453)

Todos os encantos do sertão, que Riobaldo passou a conhecer, foram revelados por Diadorim:

Quem me ensinou a apreciar essas as belezas sem dono foi Diadorim... (p. 23)

Mas eu gostava de Diadorim para poder saber que estes gerais são formosos. (p. 46)

Por tudo isso, não é sem razão que Riobaldo ainda perceba, depois de tanto tempo, em forma de música, de obsediante motivo condutor, a magia lírica nas repetidas e sensíveis lembranças daqueles olhos, que se espalham imensamente no verde do sertão:

Os olhos – vislumbre meu – que cresciam sem beira, dum verde dos outros verdes, como o de nenhum pasto. (p. 374)

* Do livro *Enigma e Realidade*, Thesaurus Editora, 1983.

A MÃO

Gilmar Duarte Rocha

A mão caminhava aceleradamente pelo terreno pantanoso. Sim, a mão caminhava. Bem verdade que caminhava com dificuldade sobre o solo lamacento, mas caminhava. Usando os dedos anelar e indicador como pernas. A mão tinha pressa em chegar ao seu destino; a mão suave; a mão se desesperava; a mão estava aflita, pois deixara o corpo do qual fazia parte agonizando a uma centena de metros atrás e corria em busca de socorro para libertar esse mesmo corpo que ficara preso embaixo de um tronco de árvore, depois de um grave desabamento de terra no morro onde outrora havia uma grande floresta. O tempourgia e cada minuto era precioso para o resgate com vida do seu corpo irmão que sangrava muito. A mão, a muito custo, com as unhas dos dedos em frangalhos, venceu o pantanal; atravessou uma aleia repleta de troncos caídos, gravetos e pedaços de pedra e divisou uma mansão bem no centro de uma grande depressão relvada e bucólica. A mão balançou todos os dedos em sinal de alívio e esperança. Certamente a mão deduziu que alguém naquele palácio teria condições de prestar socorro imediato ao seu organismo associado. A mão desceu a ladeira em debandada e alcançou o grama-do reto, macio e adornado. Aproximou-se da casa; fugiu do alcance dos cães que vigiavam o egrégio patrimônio e subiu a escadaria pela parte dos fundos. A mão parou em frente à porta e notou que ela se encontrava fechada. O sol começava a se esconder no horizonte e a noite inevitável por certo dificultaria o trabalho de resgate do ser univitelino.

A mão tinha o recurso de bater na porta e bateu. Bateu forte e repetidas vezes. De repente um garoto em torno de dez anos, branco, bonito, rosado e bem-cuidado abriu a porta bruscamente e tomou um susto estrondoso quando viu uma mão solitária desgarrada do corpo. Instintivamente, o garoto bateu em retirada gritando aos berros. A mão, assustada, porém, resoluta no seu intento, não recuou, entrou na magnificente mansão e se escondeu embaixo de um móvel gigantesco:

“O que você viu mesmo, meu filho?”, perguntou a mãe do garoto, uma senhora alta, esbelta e jovial.

“Uma mão andando, mãe”, disse o garoto.

A mãe não vendo nada na soleira da porta, na área externa e onde a vista dela alcançasse, balançou a cabeça e pensou: “Esses meninos...”. Depois, determinou:

“Chame sua irmã urgente, pois temos um compromisso agora. A festa do filho do ministro Pompeu já começou. Rápido! Peça que ela desça logo. Estou indo para o carro”.

A mão, debaixo do móvel, viu e ouviu tudo. A mão, inexplicavelmente, adquiria os sentidos que só o seu corpo irmão — que agonizava na mata — os possuía.

Ela pensou (a mão também pensava) em abordar a senhora que saía apressada de casa, levando com ela os dois filhos, uma menina adolescente e o garoto que viu a mão há poucos instantes, mas a mão não conseguia falar. Ainda. Vendo que a mulher partia célere num imenso jipe, que seguia por uma estrada de pedras portuguesas, desaparecendo em poucos instantes no alto da colina, a mão ficou exasperada. Quem poderia ajudá-la? Haveria mais alguém naquela casa? A resposta não tardou: ela ouviu que uma pessoa gritava ao telefone no andar de cima. Era voz de homem; deveria ser a voz do chefe da família. A mão, então, ainda mais determinada, correu em direção ao local de onde vinha a voz. Subiu os degraus de uma escadaria majestosa e alcançou o segundo pavimento, sempre se guiando pela voz que aumentava de intensidade à medida que ela avançava. De repente, a mão encontrou o dono da voz após adentrar numa imensa dependência, repleta de parafernalias eletrônicas do chão ao teto. O homem conversava de frente à ampla janela, de onde se via o sol poente, explodindo em cores laranja, magenta, carmim e violeta. O homem falava com alguém em voz alta, mas não usava telefone:

“Não e não. Hoje mesmo vou ligar para o governador, se possível ligo para o presidente. Vamos ter que expandir o minério da Me, Mine & Minning custe o que custar. Esse desmoronamento que ocorreu perto da mina derrubou 14 pontos das ações da minha companhia na bolsa de valores”, o homem, que trajava roupão de cetim vermelho e pantufas, virou-se para um imenso painel pleno de luzes e gráficos, que piscavam e tremeluziam o tempo todo. Continuava falando: “Não importa o que o sindicato e o procurador dizem. Compro o procurador e sufoco o sindicato. Não vou perder mais dinheiro e ponto final”.

O homem interrompeu bruscamente a ligação e correu para o computador de última geração. Enquanto apertava algumas teclas, sentia uma coceira nos seus pés. Continuava a teclar com intensidade e não se incomodava com aquela comichão. Até que uma vozinha soou: “Senhor, me escute. O meu corpo irmão está morrendo embaixo de uma árvore”. Sim, era a mão que falava. De repente, a mão também adquiriu a capacidade de falar. Mas o homem, de tão concentrado que estava nos negócios, não ouviu nem mesmo a súplica da mão. A mão, então, aumentou o tom da voz e gritou como um Tarzan. O homem, por seu turno, volveu a cabeça para baixo e tomou um susto estupendo quando viu que a voz emanava de uma solitária e angustiada mão.

“Quem é você? O que quer, coisa?”

“Ajuda, senhor. O meu corpo irmão está à beira da morte preso embaixo de uma árvore. Está num local ermo e dificilmente os brigadistas o encontrarão”.

O homem deu uma risada sonora e reluzente e retornou ao exercício de teclar e conferir números. Os olhos dele refletiam cifras na tela. A mão ficou desalentada. A mão queria chorar; mas não conseguia chorar; ficou num canto e caiu, desolada, em prantos.

Aconteceu que havia um aparelho de televisão ligado no quarto da ganância e o noticiário das 18h reportava:

“Última vítima do desmoronamento no complexo de serras próximo à mineradora Me, Mine & Minning foi encontrada sem vida num ponto isolado da floresta. Era uma pessoa do sexo masculino, que estava presa embaixo de uma gigantesca árvore que tombou durante a avalanche. Segundo os paramédicos, ele faleceu por hemorragia devido ao atraso no socorro médico. O corpo da vítima estava sem a mão direita e o órgão não foi encontrado em local algum após intensa busca por parte dos brigadistas”.

A mão, inusitadamente, não chorou com aquela notícia. A mão também tinha o sentimento da ira. Sabendo que possuía uma enorme habilidade em coisas especiais, ela caminhou, furtivamente, com dedos tortos, até o local onde o homem se deliciava e delirava com gráficos e números; deslizou como um réptil pela parte de trás do espaldar da cadeira e cravou os dedos, tal qual as garras de uma águia, no pescoço do homem.

O homem assustado, sem saber quem o estava atacando, se levantou e tentou a todo custo retirar aquelas garras afiadas, que pareciam lâminas rasgando o seu pescoço e o deixando sem ar. O homem se debatia, urrava, depois guinchava apenas; foi ficando roxo, depois transmutou-se em negro; a vista escurecia, a cabeça rodava e o ar e a visão faltaram de vez.

Pronto.

Alguns minutos depois, a mão caminhava, de forma capenga, em direção da Capela de Santo Isidro, na cidade ali bem perto, para se encontrar com o corpo irmão morto, que estava sendo velado naquela noite triste e sombria.

Saiu da mansão sem deixar rastros. Deixou apenas números e cifras tremeluzentes que despencavam nos monitores e consoles como pedras que rolam montanha abaixo após um gigantesco desabamento.

LUCIA, A MULHER

João Batista Ericeira

O ano de 1959 chegava ao fim. Na semana do natal, o casal Octavio Tarquínio de Sousa e Lucia Miguel Pereira fora a São Paulo para contatos literários e visita a familiares. Na volta ao Rio, dia 22 de dezembro, tomaram o avião da Vasp. O aparelho chocou-se com um da FAB, todos os passageiros morreram. O casal mais que perfeito da literatura brasileira deu o passo para a eternidade de mãos dadas, como sempre viveu.

Octavio, historiador de grande reputação, parceiro de Sérgio Buarque de Holanda, e Lucia, biógrafa de Machado de Assis e Gonçalves Dias, foram retratados de forma magistral pelo escritor Fabio de Sousa Coutinho no livro LUCIA, contando sua vida. Conheceram-se nos anos trinta. Ele desquitado, ela solteira. O amor deles enfrentou os preconceitos e as discriminações da sociedade repressiva de então. Era uma harmônica parceria física e intelectual. A tragédia que os atingiu abalou os amigos e intelectuais. Carlos Lacerda escreveu um dos seus mais belos textos: “A última flor para Lucia e Octavio”, publicado no jornal “Tribuna da Imprensa”. Alceu Amoroso Lima, no “Diário de Notícias”, editou “Bodas de Sangue”, comovido depoimento da história de amor de uma mulher avançada para a época, que corajosamente ocupava o seu espaço, sem concessões, sem prejuízo da enorme paixão por seu companheiro.

8 de março, dia internacional da mulher, por resolução da Organização das Nações Unidas-ONU, o Centro de Estudos Constitucionais e de Gestão Pública-CECGP, em parceria com a Academia Maranhense de Letras Jurídicas e a Associação de Advogados-AMAd, promoveu oportuna mesa-redonda sobre o evento, reunindo a juíza Sara Gama, a promotora Ana Luíza Ferro e o advogado Alexandre Lago. Todos com proficiência demonstraram como o universo feminino, a literatura e o Direito se encontram ao longo das civilizações.

Convidado a participar da mesa, lembrei-me da gentileza do escritor e advogado Fabio de Sousa Coutinho, presenteando-me com a biografia LUCIA, uma joia do gênero tão em moda entre nós nos últimos anos. O autor, advogado bem-sucedido, atuando em foros nacionais e internacionais, renunciou à banca para dedicar-se por inteiro à literatura. Atualmente, preside a Associação Nacional de Escritores – ANE, me dando a honra de convidar-me para integrá-la, e a Academia Brasileira de Letras.

Esteve em São Luís entre os dias 25 e 28 de abril do ano passado, por ocasião do Seminário Comemorativo do Centenário da Faculdade de Direito do Maranhão. Proferiu, no dia 26, magistral conferência sobre a participação dos juristas na literatura nacional, especialmente na Academia Brasileira de Letras. Encontra-se publicada no livro “Anais” do Seminário, lançado dia 15 de março no prédio da Faculdade, após a magna conferência do professor Alberto Tavares Vieira da Silva sobre a histórica comemoração.

Lucia Miguel Pereira, filha do pioneiro sanitário, produziu a mais importante e documentada biografia de Antônio Gonçalves Dias, o passageiro do navio “Ville de Boulogne” naufragado no litoral do Maranhão, próximo à vila de Guimarães, dia 3 de novembro de 1862, aos 41 anos de idade. O poeta fincou as bases da emancipação da literatura brasileira, dando-lhe identidade própria.

A VIDA DE GONÇALVES DIAS é um trabalho rigorosamente documentado, revelador da sociedade brasileira daquele tempo, muito especialmente da maranhense, repressiva, preconceituosa, impeditiva do grande amor do mestiço, filho ilegítimo, por uma dama da alta sociedade, não obstante ser ele amigo do Imperador Pedro II e influente na Corte.

A sua biógrafa Lucia desafiou os tabus e os preconceitos quase um século depois da morte do biografado, comprovando ser a mulher sensível, combatente, pois assim entendia ser a vida, em um tipo de feminismo admirável, digno de ser reverenciado no dia internacional da mulher.

AS CRÔNICAS DE EDMÍLSON CAMINHA SOBRE DRUMMOND

Wilson Pereira

A leitura de boas crônicas sempre me trouxe muito prazer. Desde que conheci Rubem Braga, tornei-me um ávido e contumaz leitor do gênero. O prazer que me causa uma bela crônica é, à falta de melhor comparação, mais ou menos, como o que sentia o menino quando subia num pé de jabuticaba carregado das dulcíssimas frutinhas, no quintal da fazenda escondida lá no fundo do passado.

Pois bem, fica valendo a comparação: para mim as letras e palavras de uma crônica que me encanta são jabuticabas. Ao degustar as letras e palavras, essas frutas de pele negra que vou apanhando da página, saboreio o seu miolo, a polpa de neve e mel, mas às vezes engulo até as sementes e as cascas.

O prazer que gozo com a leitura de uma crônica pode não ser maior do que com a leitura de um poema, mas é diferente. O bom poema às vezes é sisudo, senão arrogante, exigindo-nos uma atenção e uma reverência submissa para decifrar-lhe as intenções ocultas. O poema, quase sempre é um dissimulado. Não é comum encontrem-se poemas com jeito de menino amigo querendo brincar, ou com ares de tio divertido e carinhoso, como são os de Mário Quintana. Já a crônica flui com a naturalidade, a transparência e o frescor de águas de riacho que correm remotas no fundo do quintal da fazenda de minha avó.

Quando a crônica, além de muito bem escrita, versa sobre o poeta maior, Carlos Drummond de Andrade, também exímio cronista, aí, então, o sabor é ainda mais intenso. É o que estou sentindo com a leitura das crônicas de Edmilson Caminha, reunidas no livro *O poeta Carlos & outros Drummonds*. Estou como um menino antigo, para usar expressão que dá título a um dos livros do poeta itabirano, num pomar de variadas doçuras.

Além de bem elaboradas, numa linguagem fluente e elegante, as crônicas de Edmilson trazem informações precisas e preciosas sobre o poeta e, também, sobre pessoas que privaram de sua intimidade e de sua amizade, principalmente os familiares e alguns escritores. Assim, os textos revelam fatos e situações da vida pessoal de Drummond, homem afável, de vida simples, dedicada à convivência familiar. Mostram dele uma personalidade sincera, avessa a bajulações, indiferente aos eflúvios e aos arroubos da fama. Talvez a grandeza interior e a sabedoria de que a obra fala por si mesma dispensasse a necessidade de autoafirmação. Isso, aliás, é característico de poetas médio-

cras, que costumam se vangloriar, para compensar a falta de talento.

Mas há, também, neste livro, importantes informações sobre a atuação do escritor e sobre sua obra, como a correspondência que manteve com alguns escritores, com destaque para as cartas que trocou com Mário de Andrade. E ainda sobre o que se produziu em discos e em outras formas de gravação de poemas por diversos atores e músicos. Na crônica “Drummond pelo vasto, vasto mundo” (p. 115), Edmilson nos oferece uma detalhada relação das traduções que se fizeram, mundo afora, do poeta brasileiro. Trabalho de um pesquisador cuidadoso, que pode interessar aos estudiosos e admiradores do autor de *Claro Enigma*.

O cronista e estudioso de Drummond menciona, também, a incursão do poeta no tema do futebol (“Gol de Drummond”, p. 111), assunto ao qual dedicou muitas crônicas. E me deu a alegria de saber que o poeta torcia pelo Vasco da Gama, meu time do coração, desde a tenra infância, apesar dos percalços que o Gigante da Colina tem enfrentado ultimamente, para meu desgosto, e de toda a sua grande torcida.

Edmilson dedica reverência especial, na crônica “Grande Manolo” (p. 61), além de citações em várias outros textos, a Manuel Graña Etcheverry, intelectual e escritor, tradutor dos poemas do sogro, principalmente para a língua espanhola. Aliás, segundo EC, o poeta considerava Manuel Etcheverry seu melhor tradutor.

Por fim, Edmilson Caminha ainda provoca em nós uma pontada de inveja pela convivência amistosa que manteve com o poeta, com um encontro pessoal (Drummond o recebeu em sua casa) e a troca de correspondência. Páginas primorosas são as que se referem à entrevista que o autor do livro em foco fez com o poeta, que raramente concedia tal honra a jornalistas. Chegou a negar, como informa EC, entrevista à Revista Veja. As respostas dão mostra da consciência e da responsabilidade do poeta em relação ao seu ofício de escritor.

As crônicas de *O poeta Carlos & outros Drummonds* são verdadeiras lições de vida e de literatura sobre o maior poeta brasileiro. Concluída a leitura, saímos com a sensação de ter participado de um curso ministrado, com humor, leveza e profundo conhecimento, por um emérito professor de relações humanas e de belezas poéticas.

TALVEZ UMA ELEGIA, TALVEZ NÃO

João Carlos Taveira

Senhor Luís Vaz de Camões, por favor, me entende:

não faço obstrução ao caminho das mudanças,
mas louvo e canto a tua sapiência nestas plagas
em que os filhos da lusitana terra vieram procriar.
Somos do mesmo barro — em busca da palavra
desconexa, mas pura, para renomear os acontecimentos
de antanho, de hoje e de amanheceres futuros,
neste continente opulento de notícias e presságios.
Por favor, me entende: és herói e tão-somente assim
percebo a tua sisudez revoltosa contra os inusitados
descaminhos da viagem e da travessa travessia.
Não te exaltes! São cinco séculos de especulativa
sede, em frenética busca de conhecimento.
No entanto, tímida, nossa ancestralidade afirma
todo e qualquer traço de miscigenação da raça,
e nega o desvirtuamento de sua formação.
Que a África não nos responsabilize. E entenda.

O mar aberto, no entanto mar, paira sobre as nossas cabeças,
enquanto a poesia dá o sinal de vida, após as tempestades,
infensa aos prolegômenos narrativos de intempestiva audácia
de nossos audazes antepassados. Não há desonra nem virtude
nesse gesto de colher queixumes, asperezas de mãos adustas
na modelagem de nossa promissora origem: o paraíso!

Oh, meu fraterno e amado poeta, que vês, além
de mim e de ti, nessa jornada incompreendida
para a construção dos alicerces e do reboco
de uma nacionalidade múltipla e atemporal,
no curto espaço do céu de minha boca?
Canto e a canção não diz — somos o que somos,
insensatos cantores de um novo mundo a persignar-se
sobre a era da tecnológica incompreensão humana.
Voam os pardais, e é só. No entanto, a águia faz
seu ninho longe do olhar e da cobiça invejosa
de outros seres menos solitários. Não percebes,
mas olhares atentos nos vigiam, a cada passo,
e questionam a direção dos ventos, que sopram,
indiferentes à vontade ou cobiça dos abutres.
Na verdade, canto a tua sapiência nestas plagas
em que vieram se multiplicar os filhos da lusa terra.
Aqui onde reluz a tua glória. E a ti me inclino.